

Sobrevivente ia render homenagem à mulher morta

Ana Delmonte

Da equipe do **Correio**

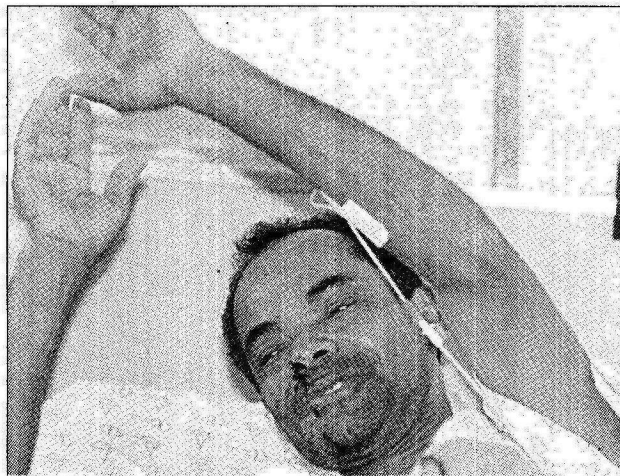
Nem mesmo os pontos que costuram os lábios do lanterneiro José Lino da Silva, 56 anos, são suficientes para conter o sorriso. O homem franzino, que aparenta bem menos do que registra a sua carteira de identidade, está feliz porque escapou com vida do acidente que quase lhe arrancou a perna e matou outras três pessoas.

Lino estava entre os cinco passageiros que ficaram presos entre as ferragens do ônibus da linha 930 da Viação Sol, atingido na manhã de terça-feira pela torre de um bate-estacas da empresa Geoservice.

O lanterneiro tomou o ônibus para render homenagens à esposa falecida há pouco mais de um ano. Na hora do desastre, ia ao Cemitério Campo da Esperança, cuidar do jardim do túmulo da mãe de seus seis filhos. "Quase que eu vou parar do lado dela", desabafa.

AGILIDADE

Lino foi o primeiro a ser resgatado pelos bombeiros depois de escapar milagrosamente da rota de colisão do bate-estacas: "Eu vi a turma gritando. Pensei que era uma batida. Quando vi, lá vinha o teto do ônibus desabando. Veio ferro descendo de todo o lado", conta o lanterneiro, que estava sentado na última fileira de ban-



José Lino da Silva estava sentado na última fileira do ônibus

cos, justamente a mais atingida.

Graças a uma destreza pouco comum na idade dele, Lino conse-

guiu se livrar dos ferros que destruíram a traseira do ônibus. E por ironia do destino, foi o próprio peso da torre que ajudou Lino a escapar com vida. Ao desabar, o equipamento pressionou o teto do ônibus, fazendo com que a

porta traseira envergasse. "Ela estava trancada e eu não teria como escapar. Consegui passar pelo bu-

raco que foi aberto quando a porta dobrou".

Sentado no que restou da escada do ônibus, ele só não encontrou forças para puxar a perna, que ficou presa entre as ferragens. "Quando os bombeiros me tiraram, minha perna, do joelho para baixo, estava presa só pela pele". A fuga também lhe deixou marcas no tórax e um corte no rosto.

Pelos próximos dois anos, Lino terá dificuldades em andar. Pisar no chão novamente, só daqui a quatro meses, quando retirar o aparelho de tração que ajuda na recuperação da fratura exposta. Quando tirar os pontos, o rosto também levará para sempre uma lembrança da tragédia.

Ainda assim, Lino sorri. Os pas-

sageiros que estavam a seu lado não tiveram a mesma sorte. O policial militar Antônio Donizette Moreira, 43 anos, morreu na hora. O funcionário do Sesc João Pereira da Silva Neto, 28, e a carteiraira Maria Fely da Silva, 34, ainda chegaram com vida ao Hospital de Base do Distrito Federal (HDBF), mas não resistiram aos ferimentos. E o carteiro José de Ribamar Santos está internado em estado grave no Hospital Brasília.

Na hora do choque, o ônibus transportava aproximadamente 40 passageiros. Além dos cinco que ficaram presos nas ferragens, outras 11 pessoas foram atendidas em hospitais, com ferimentos leves. Todas elas já estão em casa. Lino ainda passará mais dez dias no leito do HRT.